

DA EPISTEME MODERNA À AXIOMÁTICA DAS CIÊNCIAS HUMANAS: DA ESTRUTURA À INFORMAÇÃO, PASSANDO PELA FORMA.

Dr. Pablo Manolo Rodríguez¹

Tradução: Thiago Novaes

Resumo:

A episteme moderna foi descrita por Michel Foucault em *As palavras e as coisas* (1966). Seis anos antes, Gilbert Simondon havia proposto uma “axiomática das ciências humanas” que antecipa não só a famosa “morte do homem”, mas também tópicos centrais do panorama epistêmico contemporâneo. Para Simondon, essa nova “axiomática”: a) põe em contato a filosofia e as ciências contemporâneas em função de suas descobertas mútuas ainda inexploradas; b) situa a técnica, e dentro dela a informação, no centro da interrogação filosófica; c) desativa as distinções entre o individual e o coletivo para pensar a realidade social e humana; d) converte o devir no problema central da reflexão. Neste trabalho serão colocados em diálogo Simondon e Foucault seguindo as interpretações de Gilles Deleuze e do filósofo argentino Elías Palti em seu ensaio sobre a constituição de uma “episteme das formas”. Este exercício conceitual pretende contribuir para uma abordagem geral sobre a ordem do saber nas sociedades contemporâneas a partir da teoria simondoniana da individuação.

Palabras clave: episteme moderna; episteme das formas; ciências humanas; informação técnica.

FROM THE MODERN EPISTEME TO THE AXIOMATICS OF THE HUMAN SCIENCES. FROM STRUCTURE TO INFORMATION, PASSING THROUGH FORM

Abstract:

The modern *episteme* was described by Michel Foucault in *The Order of Things* (1966). Six years earlier, Gilbert Simondon had proposed an “axiomatics of the human sciences” that anticipated not only the famous “death of man” but also key themes in the contemporary epistemic landscape. For Simondon, this new “axiomatics”: a) establishes a connection between philosophy and contemporary sciences based on their still-unexplored mutual discoveries; b) places technology—and within it, information—at the center of philosophical inquiry; c) deactivates the distinctions between the individual and the collective to rethink social and human reality; d) makes *becoming* the central problem of reflection. In this work, Simondon and Foucault will be brought into dialogue, following the interpretations of Gilles Deleuze and Argentine philosopher Elías Palti in his essay on the constitution of an “episteme of forms”. This conceptual exercise aims to contribute to a broader approach to the order of knowledge in contemporary societies, drawing on Simondon’s theory of individuation.

Key words: Modern *episteme*; Episteme of forms; Human sciences; Information; Technics.

Em 1953, Gilbert Simondon (Simondon, N., 2015) propôs sem sucesso a Louis Althusser e a Michel Foucault a conformação de um grupo de estudos sobre cibernética dentro da École Normale Supérieure. A cibernética estava então na moda e vários testemunhos assim o mostram: as obras de duas figuras estruturalistas como Jacques Lacan e Claude Lévi-Strauss

¹ Professor Associado da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires e Investigador Independente do Conicet, Argentina. Autor de *Historia de la información* (2012) y de *Las palabras en las cosas. Saber, poder y subjetivación entre algoritmos y biomoléculas* (2019). Co-editor de *Amar a las máquinas; Cultura y técnica en Gilbert Simondon* (2015); *La salud inalcanzable* (2014); *Biopolítica molecular y medicalización de la vida cotidiana* (2017). <https://orcid.org/0000-0003-0605-1899>. E-mail: manolo1416@yahoo.com

abundam em referências à cibernética, existe uma literatura filosófica específica sobre o tema como as de Raymond Ruyer e Louis Couffignal etc. Entendendo que Norbert Wiener (Wiener, 1969, p. 41) concebia a cibernética como “toda a matéria referente ao controle e teoria da comunicação, seja na máquina ou no animal”, a recepção francesa de tal ciência-marco, elaborada fundamentalmente nos Estados Unidos, tinha a ver primordialmente com o cotejo que realiza entre o ser humano e a máquina, através de computadores, próteses, modelos neuronais etc. A cibernética parecia corresponder a um desafio ao que, naquele momento, seguia vigente como humanismo, o humanismo moderno. Assim, as reflexões sobre a cibernética se orientaram, por um lado, a explorar minuciosamente seu projeto a partir de perspectivas mais ou menos humanistas ou tecnicistas (isto é, mantendo as premissas cibernéticas intactas e discutindo suas derivações); e, por outro lado, a encontrar na cibernética uma chave de abertura epistemológica para sustentar a crise do humanismo e empurrá-la mais além, e aqui cabe mencionar, como foi dito, o estruturalismo de Lacan e Lévi-Strauss.

No que se refere às ciências humanas, Simondon e Foucault compartilham o enfoque, mas não o objeto. A noção de episteme e a teoria da individuação buscam um solo comum entre teorias filosóficas, práticas científicas e discursos sociais rejeitando o pressuposto das ciências humanas a respeito da existência de um universal antropológico chamado “ser humano”². No entanto, se para Foucault o grande vetor de análise epistêmica é a linguagem, para Simondon é a técnica. E onde Foucault via na estrutura o indício de um esgotamento epistêmico, Simondon identificava na informação, tal como a havia desenvolvido a cibernética, o pontapé de uma nova fase do saber ocidental centrado na descrição das operações, antes que das estruturas. Ambos trabalham na mesma época, com a mesma formação (compartilharam orientadores de tese, Jean Hyppolite e Georges Canguilhem), mas com arquivos diferentes: o de Foucault vai do século XIX a 1960 e o de Simondon de 1960 à atualidade que antecipa³.

² De agora em diante, também falaremos de “homem”, mas para nos referirmos à “figura epistêmica” de que fala Foucault em *As palavras e as coisas*. Nas demais menções, falamos de “ser humano” para evitar a conotação que equipara a figura masculina à humanidade em geral.

³ Combes (2011) e Guchet (2010) trabalharam diferentes aspectos da relação teórica entre Foucault e Simondon. Apoiar-nos-emos aqui em algumas reflexões de Guchet. Com este artigo, pretendemos apenas esboçar uma hipótese de leitura sobre a questão epistêmica das ciências humanas, fundamentalmente em relação à leitura que Deleuze faz de ambos os autores, sobre a qual trabalhamos em Rodríguez (2019). No entanto, reconhecemos que na obra de Combes há muitos materiais para elaborar a relação de maneira mais profunda, especialmente em relação ao transindividual em Simondon e aos modos de subjetivação em Foucault.

Episteme moderna (Foucault)

Não é necessário retomar toda a argumentação de *As palavras e as coisas*, mas sim mencionar alguns aspectos que podem ser reveladores em função do que queremos propor aqui. Lacan e Lévi-Strauss são as figuras que condensam o que, nas páginas finais desse livro fundamental, se descreve como as “contraciências humanas”, ou seja, aquelas ciências que observam as ciências humanas a contrapelo para lhes apontar o fracasso de sua empresa. A psicanálise e a etnologia como saberes, e o inconsciente e a história como seus objetos, emergem ali no contexto do o sistema de transformações proposto por Foucault para explicar o devir das ciências humanas desde o começo do século XIX, mas fica sem energia para levar adiante a analítica da finitude de raiz kantiana, que vem a dizer: o ser humano é sujeito e ao mesmo tempo objeto de conhecimento, e nisso reside sua positividade.

Convém destacar que, diferentemente de Lacan e Lévi-Strauss, a postura de Foucault é mais cautelosa: longe de rejeitar o humanismo como um todo, o que tenta impugnar é a constituição mesma de um saber sobre o humano no que delimita como a episteme moderna. E embora aponte, corretamente, para esse humanismo, e prefira estar do lado de Lacan ou Lévi-Strauss a estar do lado de Jean-Paul Sartre, seu lugar na configuração epistêmica que analisa não deixa de ser ambíguo, já que se trata, como iria dizer o subtítulo da obra que não veio à luz, de “uma arqueologia do estruturalismo”.

Agora bem, sabe-se que ao longo de todas as trilógicas que percorrem *As palavras e as coisas* (biologia, economia política, filologia; psicologia, sociologia, análise dos mitos); bem como dos pares que também a percorrem (função-norma, conflito-regra, significação-sistema), há duas perguntas essenciais: a pergunta pelo ser do homem e a pergunta pelo ser da linguagem, que constituem, em definitivo, o espaço completo da representação. Assim, a episteme moderna terá sido a era na qual a representação podia ser “tramitada” pela figura epistêmica do homem, enquanto a crise de sua positividade marcaria um futuro incerto para o qual, talvez, seja a figura da linguagem que possa “tramitar” sozinha essa questão. Daí que a linguística, como saber que une as contraciências humanas, se situe em primeiro plano junto com a literatura, que põe a linguagem em crise enquanto modo de representação vicária de outras disposições (as humanas): Raymond Roussel, Mallarmé, Nietzsche. Esta é, então, a

arqueologia possível do estruturalismo, segundo Foucault: uma corrente de pensamento que, atravessando as ciências humanas, coloca a linguística como método privilegiado para observar esse ser da linguagem que já não tem relação conflitiva com o ser do homem porque as ciências que falavam dele estão esgotadas.

A episteme das formas (Palti)

Logo se completarão 60 anos da publicação de *As palavras e as coisas*. Não é, certamente, o livro mais citado de Foucault. Não se fala de arqueologia nem de episteme como se faz de biopolítica e de governamentalidade. No entanto, é importante voltar a este livro, que foi importantíssimo em sua época, esgotando edições de milhares de exemplares em questão de meses, para poder dar conta da configuração dos saberes hoje. É verdade, como propõe Foucault ali, que o estruturalismo significou o golpe de graça na episteme moderna e que vivemos nos estertores desse momento, esse rosto de areia que o mar não termina de apagar, ou terá apagado e não percebemos? E se o apagou, sabemos se surgiu algo nesse lugar ou simplesmente podemos dar por encerrada a empresa completa?

Uma pista para responder a essas perguntas encontra-se no artigo do filósofo argentino Elías Palti, chamado *O retorno do sujeito: subjetividade, história e contingência no pensamento moderno* (2003), onde retoma, fundamentalmente, desenvolvimentos de um grande autor da história das ideias (disciplina supostamente rejeitada por Foucault), Ernst Cassirer⁴. Na leitura que propomos aqui, o argumento de Palti nos permite, antes de tudo, extrair a problemática da episteme das tensões internas da intelectualidade francesa dos anos 60 do século XX entre o polo da hermenêutica e da fenomenologia e o polo do estruturalismo. O pressuposto de Palti é que houve um conjunto de tensões epistêmicas que Foucault não pôde ver, e das quais se nutriu sem saber, porque permaneceu em sua análise dentro da “história interna” das ciências humanas. Segundo Foucault, em “*As palavras e as coisas*”, dentro da episteme moderna, o próprio espaço das ciências humanas estava constituído por sua vizinhança problemática com as ciências naturais, a filosofia e a matemática.

Palti, seguindo o que Cassirer propôs nos anos 1920, isto é, antes do auge do estruturalismo, embora contemporâneo do formalismo russo, sustenta que a noção de campo na

⁴ Agradeço ao filósofo argentino Juan Manuel Heredia pela referência deste texto.

física e a de mutação na biologia constituem o indício de um novo tempo que encerra a “era da história”, que coincide com a episteme moderna assim como a “era da representação” coincidia com a episteme clássica. Dentro das ciências humanas, esse movimento de placas se traduz na constituição da noção de *forma* na psicologia da Gestalt, cuja influência, até mesmo no campo da tecnologia e da etologia, está fora de dúvida. No campo da filosofia propriamente dita, a crise da episteme moderna advém com Nietzsche, parte fundamental do próprio arquivo foucaultiano. Em que consistem todas essas mudanças? Em apontar a impossibilidade da representação para o homem, não por seu ancoramento nunca resolvido na analítica da finitude, mas pelo fato de que emerge, por um lado, a análise das totalidades cujo funcionamento exclui o humano; e por outro, o surgimento de noções de espaço e tempo não compatíveis com a experiência humana (relatividade, quântica) e; finalmente, a crise das explicações historicistas em casos como o das mutações na biologia, que marcam a entrada da problemática da descontinuidade, fundamental para o Foucault arqueólogo.

Dado que Foucault gostava de adivinhações em seus livros, Palti cita um breve texto de Cassirer (*Apud*. Palti, 2003, p. 37), desafiando seus leitores [dele, Palti], a identificarem seu autor: Quem teria, [afinal], escrito o seguinte fragmento?

O reconhecimento dos conceitos de totalidade e estrutura não apagou as diferenças entre as ciências da cultura e as ciências naturais. Na realidade, derrubou as barreiras que se usavam para separar estes dois tipos de ciência. Agora a cultura pode enfocar-se no estudo de suas formas, de suas estruturas e de suas manifestações mais livre e imparcialmente que antes, enquanto outros campos de conhecimento também focalizaram em seus particulares problemas de forma.

Pode ser atribuído a Lévi-Strauss ou a qualquer figura estruturalista. No entanto, o autor foi o próprio Cassirer, em um livro sobre a teoria da relatividade. Isso serve para Palti (2003, p. 37) mostrar que “a Forma se converte assim no laço que mantém juntas as palavras e as coisas”, pois, prossegue ele (*Ibid.*, p. 37), “as empiricidades se degradam não para descobrir por baixo o princípio de sua formação, mas a ordem de suas relações sistemáticas. Como na episteme clássica, a ordem está agora no nível da representação (isto é o que leva Foucault a falar do “retorno da linguagem”)”. De fato, a época das formas é a época da linguagem, mas diferentemente das epistemes clássica e moderna, como assinala Palti (*Ibid.*, p. 37), a linguagem é entendida “já não como representação (taxonomia) nem tampouco como produção (filologia), mas como sistema (estrutura)”. E quanto à forma, Palti (*Ibid.*, p. 37), afirma que,

“diferentemente da Vida, não é mais uma força empírico-transcendente, mas aponta para um âmbito de objetividades de segunda ordem”.

Segundo Palti (2003, p. 43), já no final do século XIX havia vindo à luz um estrato de saber no qual...

não é mais o homem quem representa o mundo, mas, como assinalava Heidegger a respeito dos gregos, é o próprio mundo que se revela a si mesmo na linguagem (ainda que, certamente, esse mundo já não seja o Cosmos eterno e perfeitamente ordenado dos antigos, mas o das objetividades ideais articuladas contingentemente).

Poder-se-ia tratar de uma questão meramente terminológica: o que Palti qualifica como “episteme das formas” equivaleria às contraciências da episteme moderna de Foucault, e parte do que se diz sobre a *forma* valeria para a *estrutura*. Mas trata-se de um problema mais profundo, pois é o próprio projeto arqueológico que se move ao compasso de uma episteme que lhe se torna invisível e determina, seguindo a interpretação de Palti, seus pontos de vista. A episteme moderna teria terminado muito antes, assim como a morte do homem que a encerra, e as contraciências seriam parte de uma nova disposição de saber na qual a querela entre sujeito e estrutura já ficou fora de jogo e não deveria mais fazer parte da análise. Assim, diz Palti, Foucault torna-se estranhamente vítima do seu próprio jogo e, ao querer fazer a arqueologia da estrutura e, da forma, vê-se obrigado a optar por um dos lados e termina desenhando epistemes fechadas, autorreguladas, nas quais a temporalidade vem de fora. Tratar-se-ia de formas sem história, e mais do que uma descrição, a empresa arqueológica acabaria sendo uma confissão involuntária do desconhecimento dessa episteme que estava operando por trás.

Da estrutura da informação (Deleuze)

Vinte anos depois de *As palavras e as coisas*, Deleuze publicou seu livro sobre Foucault, dois anos após sua morte. Alguns dos textos que compõem esse livro haviam sido escritos há muito tempo. Entre os textos novos está o anexo, intitulado *Sobre a morte do homem e o super-homem*, no qual Deleuze discute a empresa arqueológica de Foucault no que diz respeito à constituição de seu arquivo, como Palti, sem alterar no essencial seu acordo quanto à existência e à crise da episteme moderna. O que Palti, com Cassirer, vê na noção de forma anterior à de estrutura, Deleuze percebe com a noção de *informação*, que seria posterior àquela. E ao fazê-lo, Deleuze coloca em dúvida a vigência (em 1986) das perguntas sobre o ser do homem e o ser da linguagem, que animavam a episteme moderna foucaultiana; não porque não

fossem válidas em si mesmas, mas porque havia outras perguntas possíveis que mereciam ser colocadas com maior intensidade, relativas ao *ser do trabalho* e ao *ser da vida*. É aí, diz Deleuze, que estão ocorrendo mudanças aceleradas que tiram de cena a figura do homem. O *ser da vida* se disseminou com a biologia molecular e o *ser do trabalho* com as “máquinas informáticas”. O que une esse panorama já não é a linguística, como nas contraciências humanas, mas a *teoria da informação*. E o problema da representação se coloca em novos termos: são as entidades dotadas de informação (moléculas, circuitos integrados etc.) que podem representar independentemente (do) humano. E mais: graças a isso, são investidas de propriedades da linguagem, como no caso mais flagrante do código genético. O mesmo ocorre com o que Deleuze chama de *máquinas de terceiro tipo*, cibernéticas e informáticas, que desativam o trabalho enquanto transformação da natureza como uma constante do discurso antropológico. Em tempos de inteligências artificiais generativas, esse diagnóstico de Deleuze ressoa com enorme atualidade.

Portanto, *trabalho, vida e linguagem*, os campos que deram nascimento à figura do homem, relacionam-se fora dele, desativando-o. Deleuze (2005, p. 169-170) eleva a aposta e aponta para Nietzsche: trata-se do *super-homem*.

As forças no homem entram em relação com forças do exterior, as do silício que se vingam sobre o carbono, as dos componentes genéticos que se vingam sobre o organismo, as dos enunciados agramaticais que se vingam sobre o significante. Por todas essas razões, seria preciso estudar as operações de sobre-dobra, cujo exemplo mais conhecido é a ‘dupla hélice’. O que é o super-homem? É o composto formal das forças no homem com essas novas forças. É a forma que deriva de uma nova relação de forças. O homem tende a liberar em si a vida, o trabalho e a linguagem [...] Como diria Foucault, o super-homem é muito menos do que o desaparecimento dos homens existentes, e muito mais do que a mudança de um conceito: é o advento de uma nova forma, nem Deus nem o homem, da qual se pode esperar que não seja pior que as duas precedentes (Deleuze, 2005, pp. 169-170).

Se Palti afirma que Foucault baseou sua análise em uma episteme que a estruturou “inconscientemente” e que, portanto, errou em seu arquivo escolhido (demasiado enclausurado no debate interno francês entre hermenêutica e estruturalismo), Deleuze sustenta que Foucault estava certo, mas condenado a não conseguir enxergar novas emergências, o que sempre foi sua preocupação. De fato, Deleuze estende sua análise à problemática do poder e observa que essa episteme “pós-humana” é consistente com a ascensão das sociedades de controle, em

detrimento das disciplinares. Muito já foi escrito sobre as sociedades de controle de Deleuze, mas muito pouco sobre este surpreendente trabalho sobre o *super-homem informacional*.

A axiomática das ciências humanas (Simondon)

Através de Deleuze e de sua reinterpretação da aventura epistêmica foucaultiana, à luz da noção de informação, reencontramo-nos com aquele *rendez-vous manqué* do grupo fracassado sobre cibernética proposto por Simondon, pois assim se ligam vários pontos soltos até então, e isso acontece antes mesmo de se terem produzido. Isso nos leva a reconstruir a postura de Simondon acerca do devir das ciências humanas em duas conferências anteriores a *As palavras e as coisas: Forma, informação, potenciais* (1960) e *A amplificação nos processos de informação* (1962).

Havíamos dito que nos anos 1950, na França, a cibernética era um acontecimento para os estruturalistas, como ponto de apoio epistemológico, mas também para as reflexões de humanistas e engenheiros que buscavam identificar sua novidade. Como Foucault seguiu a esteira estruturalista, afastou-se da referência cibernética. Simondon, ao contrário, permaneceu próximo dela. Sendo que os dois compartilham o ponto de partida de recusa do humanismo moderno e, como propõe Guchet, em Simondon a pergunta pelo ser do homem dá lugar à pergunta pelo ser da máquina, e a pergunta pelo ser da linguagem dá lugar à pergunta pelo ser da informação. Por outro lado, onde Foucault situava o problema da representação como chave para encontrar o *surgimento da estrutura* (ali onde se apaga a figura epistêmica do homem), Simondon encontra o *problema do devir* como chave para encontrar o surgimento da operação, a ciência das operações, a *alagmática*.

É interessante comprovar que o arquivo de Simondon é uma combinação do arquivo de Palti (o de Cassirer) com o arquivo de Deleuze. Do primeiro assume, com efeito, o espaço total da episteme moderna, e não unicamente o espaço restrito das ciências humanas. De fato, trata-se de elaborar uma axiomática que permita levar às ciências humanas o tipo de reflexão já presente nas ciências naturais, particularmente na física. Isso marca, além disso, uma diferença profunda com Foucault, pelo fato de que Simondon assume sua posição dentro da episteme da qual faz parte, para dar ensejo a uma disputa no terreno do saber, em vez de permanecer fora dela, como faz o arqueólogo (ainda que, em Foucault, isso seja ambíguo). E do arquivo de Deleuze, Simondon assume, *avant la lettre*, todos os saberes baseados na

informação como o contorno de um arquivo novo, a construir, sobre bases que não podem imitar os processos passados: não se trata da ciência como se pensava (a que estuda as estruturas), nem dos objetos empíricos de outrora, mas dos que surgem do cruzamento de máquinas com informação, em lugar de cruzar seres humanos com a linguagem.

Esse arquivo combinado permite a Simondon não se deter na problemática das formas, e incorporar o verdadeiro problema que lhes concerne, que é sua conversão em informação (Rubio *et al.*, 2020). Nessa perspectiva, a proposta de Simondon em Forma, informação, potenciais, pode ser resumida em cinco pontos.

1) É preciso, segundo Guchet (2010, p. 14 - tradução nossa), fundar uma ...

axiomática das ciências humanas que permita superar os problemas dessas ciências. ‘Axiomática’ não quer dizer para Simondon formalizar, e menos ainda ‘fiscalizar’: ‘axiomatizar’ quer dizer organizar um sistema de realidade segundo certa polaridade”.

O diagnóstico é, desde já, muito diferente do foucaultiano. Não se trata da estrutura que marca a admissão do fracasso da empresa epistêmica moderna, mas do fato de que as ciências humanas abandonam seu interesse pelas configurações estáveis, renunciam à sua dependência da figura do “homem normal” (preocupação de Canguilhem e de Foucault) e, sobretudo, se desprendem da distinção entre o interior e o exterior, o psicológico e o sociológico, o mental e o social. Trata-se, segundo Guchet (*Ibid.*, p. 11-12 - tradução nossa), da “possibilidade de inventar algo novo na ordem humana (o que Simondon chama de uma individuação)”, algo que tenha a ver com processos em devir [de] onde emergem singularidades. Ele diz isso em 1960, antes que esses termos se tornem o lema do pós-estruturalismo.

2) O ponto de partida para estabelecer a reforma fundamental das ciências humanas é a noção de *campo*, tomada da física, e convertida na questão da *forma*, para a Gestalt. Para Simondon não há dúvidas: a física fez um presente ao restante das ciências, desde o eletromagnetismo em diante, porque inaugurou uma nova imagem do mundo, na qual são possíveis a proliferação das fases, a contradição, a não identidade, a indeterminação. Mas as ciências, em geral, rejeitam esses postulados. É como se as novas teorias físicas estivessem em contradição com a própria prática científica, afirmação quase insólita que, para Simondon, quer dizer: as ciências naturais (e bem poderíamos incluir aqui a noção de *mutação* na biologia, de modo a aproximar os

arquivos de Palti e de Simondon), abrem uma nova via filosófica que deve ser estudada pela filosofia, mas nem ela nem a ciência se deram conta ainda do que ocorreu. Segundo Andrea Bardin (2015, p 65, tradução nossa), um dos principais estudiosos da obra de Simondon, sua proposta consiste em “reconstruir o campo das ciências sociais a partir da dissolução dos dualismos clássicos (corpo/mente, imanência/transcendência, necessidade/liberdade) na ontogênese. Essa produção epistemológica de compatibilidade é precisamente o que ele chama, com frequência, de ‘axiomatização’”.

3) A noção de forma é insuficiente. Por isso, os ciberneticistas constituíram o conceito de *informação*. A forma é entendida como estável, sendo que o campo, por exemplo, admite antes uma tensão insolúvel entre a totalidade e o elemento em sua influência recíproca: nenhum predomina sobre o outro. Diante disso, a cibernética enfrenta a indeterminação propondo a metaestabilidade, em vez da estabilidade, em linha com a termodinâmica. Informação significa adoção incessante de formas, possibilidade de devir como defasagem, abertura à singularidade e ao acontecimento.

4) Contudo, assim como está, a teoria da informação tampouco é suficiente. Como Simondon propõe em *A amplificação nos processos de informação* (2016, p. 139), “a informação não é uma coisa, mas a operação de uma coisa que chega a um sistema e que produz ali uma transformação”. Vale isto como advertência futura para o próprio Deleuze: não é a informação como coisa que impõe uma mudança que desloca a estrutura como problema e substitui assim as perguntas sobre a linguagem pelas relativas ao trabalho e à vida, mas a informação é um terreno em disputa porque corre o risco de ser tomada como uma nova *mega-forma*. Assim, falamos hoje de biologia da informação, de sociedade da informação, de tecnologias da informação, mas não sabemos do que estamos falando, ou damos uma realidade ontológica à informação que é, pelo menos, discutível. É preciso sublinhar que Simondon realizou essas reflexões quando o computador praticamente não existia, a biologia molecular estava em seus inícios e a Internet não passava de um sonho.

5) Para organizar estas derivações, da forma à informação e da informação aos potenciais, a axiomática das ciências humanas não deve tomar a linguagem como ponto de partida, mas

sim a técnica⁵. Para Simondon, o objeto técnico é o paradigma para avaliar a relação entre forma, informação e potencial, o que supõe integrar o estudo da técnica dentro das ciências humanas."

Palavras finais

O interesse pela arqueologia foucaultiana, e em especial por sua delimitação da episteme moderna, continua constituindo um capítulo central para pensar as relações entre a filosofia, as ciências e as artes em um dado momento da história. Existem sucedâneos disso para cada um dos campos tomados separadamente, mas talvez o essencial seja a relação entre eles. Contudo, pelo que vimos, o diagnóstico foucaultiano sobre o fim da episteme moderna padeceria de dois problemas. O primeiro é que, percebe-se que tal fim ocorreu de outro modo, em outro tempo, com preeminências diferentes (não tanto a estrutura, mas a forma), conforme propõe Palti. E o segundo é que nesse mesmo momento, nos anos de 1960, estava emergindo um tipo de explicação dos processos naturais, sociais e técnicos que, a partir dos mesmos eixos foucaultianos, dava lugar à informação como elemento central de uma nova episteme, tal como propõe Deleuze.

Como dissemos, então, Simondon representa a integração de ambas as perspectivas, a de Palti e a de Deleuze, e sua superação na medida em que aporta outros elementos fundamentais para a análise da nova episteme que somente agora se tornam prementes, onipresentes, mais uma vez, em tempos de IAs generativas: a pergunta pela máquina, a pergunta pela informação, a pergunta pela técnica, já livres das décadas de humanismo que o próprio Foucault pretendia encerrar em *As palavras e as coisas*. Ora, esse

⁵ Isso está colocado na conferência citada, *Forma, informação, potenciais*, mas também, e de maneira fundamental, em relação com o estruturalismo, no curso *L'invention dans les techniques* (Simondon, 2005, pp. 84-85, sublinhado no texto - tradução nossa): "O objeto técnico pode fornecer modelos conceituais diferentes dos da linguística e independentes destes últimos. Talvez a visão sistemática do mundo humano fosse modificada, porque o pensamento estruturalista generaliza um pensamento classificatório e categorial que é apenas um dos aspectos das relações inter-humanas; ao contrário, a tecnologia faz aparecer uma função relacional do acoplamento entre organismo e meio, homem e mundo, que se desenvolve dialeticamente nível após nível, dando um sentido à norma (e ao esquema) do progresso, segundo uma epistemologia realista, diferente do nominalismo estruturalista. A tecnologia fornece a base de uma representação compreensiva mais potente do que a formalista, porque engloba as relações sujeito-objeto através da mediação reversível (ferramenta e instrumento) que constitui a terceira realidade dos objetos técnicos, solda entre o homem e o mundo, e paradigma de relação entre viventes e meio." (Simondon, 2005, pp. 84-85).

encerramento de Foucault era, em certo sentido, uma aventura intelectual, para intelectuais, dentro de uma disputa interna da intelectualidade europeia e, dentro dela, da francesa. Por outro lado, a episteme da informação constitui uma das experiências mais imediatamente palpáveis da cultura contemporânea, dentro e fora desse Velho Continente, agora envelhecido. Trata-se de “um código fundamental da cultura” atual, tomando as próprias palavras de Foucault no início de seu livro, que transformou o que se entende por vida, por sociedade, por natureza.

O valor, então, da aposta simondoniana, supera em muito uma correção na história das ideias ou na antropologia filosófica, seja qual for o arquivo arqueológico que se escolha. A obra de Simondon pode nos dar na atualidade algumas chaves sobre onde estamos situados em relação ao que se pode chamar de “humanidades pós-humana” (Braidotti, 2016). Entende-se então que não tenha obtido muitos adeptos para seus extravagantes grupos de estudos, que não tenha figurado como mais uma estrela no firmamento francês, que tenha sido relegado e por muito tempo esquecido: seu tempo não era o seu, mas o nosso.

Referências bibliográficas

BARDIN, Andrea. **Epistemology and political philosophy in Gilbert Simondon**. Dordrecht: Springer, 2015.

BRAIDOTTI, Rosi. **Humanidades posthumanas**. In: revista *Cuadernos filosóficos*, n. 16. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2019. <https://doi.org/10.35305/cf2.vi16>.

COMBES, Muriel. **La vie inséparable. Vie et sujet au temps de la biopolitique**. Paris: Éditions Dittmar, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Sobre la muerte del hombre y el superhombre**. In: *Foucault*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Las palabras y las cosas. Una arqueología de las ciencias humanas**. México: Siglo XXI, 1997.

GUCHET, Xavier. **Pour un humanisme technologique. Culture, technique et société dans la philosophie de Gilbert Simondon**. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

NOVAES, Thiago; VILALTA, Lucas; SMARIERI, Evandro (Org.). **Máquina aberta. A mentalidade técnica de Gilbert Simondon**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

PALTI, Elías. **El “retorno del sujeto”. Subjetividad, historia y contingencia en el pensamiento moderno**. In: *Prismas. Revista de historia intelectual*, año 7, No. 7. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

RODRÍGUEZ, Pablo Manolo. **Las palabras en las cosas. Saber, poder y subjetivación entre algoritmos y biomoléculas.** Buenos Aires: Cactus, 2019.

RUBIO, Roberto y RODRÍGUEZ, Pablo. **¿Un nuevo a priori histórico? Análisis de propuestas de renovación de las Humanidades centradas en la noción de información.** In: revista *Co-herencia*, vol.17, nro.33. Medellín: Universidad EAFIT, 2020.

<https://publicaciones.eafit.edu.co/index.php/co-herencia/article/view/6038>.

SIMONDON, Gilbert. **La amplificación en los procesos de información.** In: *Comunicación e información: Cursos y conferencias.* Buenos Aires: Cactus, 2016.

SIMONDON, Gilbert. **Forma, información, potenciales.** In: *La individuación a la luz de las nociones de forma y de información.* Buenos Aires: Cactus, 2015.

SIMONDON, Nathalie (2015). **Gilbert Simondon and the 1962 Royaumont Colloquium: Information, Cybernetics, and Philosophy.** In: Iliadis, Andrew; Biswas Mellamphy, Nandita; Barthélémy, Jean-Hugues; de Vries, Marc y Simondon, Nathalie. "Book Symposium on Le concept d'information dans la science contemporaine. Cahiers de Royaumont, Les Éditions de Minuit/Gauthier-Villars 1965". *Philos. Technol.* DOI 10.1007/s13347-015-0205-z.

SIMONDON, Gilbert. **L'invention dans les techniques. Cours et conférences.** Paris: Seuil, 2005.

WIENER, Norbert. **Cibernética.** Madrid: Guadiana de Publicaciones, 1969.